

Aquilino, anos 20: entre o exílio e as geografias de Lisboa

Apresentação

A partir da oportunidade oferecida pelo centenário da primeira edição do romance *Terras do Demo* (1919), a mostra biobibliográfica «Aquilino, Anos 20: entre o exílio e as geografias de Lisboa» – assim como o colóquio homónimo realizado na Biblioteca Nacional de Portugal no dia 16 de maio de 2019 – centra-se nos anos que decorreram entre o regresso de Aquilino a Lisboa, vindo do seu primeiro exílio em Paris, e o início do segundo exílio do escritor, ditado pela sua participação na frustrada tentativa de derrube da ditadura militar, em fevereiro de 1927.

Através de uma série de sete núcleos, os visitantes são convidados a explorar a Lisboa de Aquilino, articulada entre os seus diversos lugares de residência na cidade, o Liceu Camões, onde ensinou, e a Biblioteca Nacional, na qual ingressou pela mão de Raul Proença e Jaime Cortesão. Estão também representadas a França e a Alemanha que observou nestes anos e veio a transpor para títulos tão importantes como *É a Guerra* e *Alemanha Ensanguentada*. Numa época marcada pela I Guerra Mundial e pela implantação da República em Portugal, este é um dos mais sugestivos períodos da vida do grande escritor que foi Aquilino Ribeiro, marcado pela escrita de viagens, pela criação de personagens intemporais como as que dão vida a *O Malhadinhas* e ao *Romance da Raposa* ou, ainda, pelos textos que compõem para o *Guia de Portugal* de Raul Proença.

A mostra «Aquilino, Anos 20» é organizada conjuntamente pelo Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa (CEG-ULisboa) e pelo Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL), em parceria com a Biblioteca Nacional de Portugal. Esta iniciativa é realizada no âmbito das atividades do grupo de investigação ZOE – Dinâmicas e Políticas Urbanas e Regionais do CEG e do grupo de Investigação Literatura e Cultura Portuguesas do

CLEPUL. Beneficia ainda da colaboração complementar do Arquivo e da Biblioteca da Escola Secundária de Camões, que cedeu alguns dos mais importantes registos que testemunham a atividade de Aquilino como professor do antigo Liceu Camões, todos eles exibidos pela primeira vez nesta mostra.

Núcleos Expositivos

Paris: o primeiro exílio

É a Guerra corresponde a um diário publicado apenas em 1934, mas a matéria que trata remete para o período imediatamente anterior ao regresso de Aquilino a Portugal, concluído que fora o seu primeiro exílio em França (1908-1914), onde se refugiara após o regicídio, num contexto de redobrada pressão policial sobre os círculos anarquistas nos quais se movimentava. Testemunha da retaguarda parisiense durante os primeiros meses do conflito mundial, na penúltima entrada deste diário de Aquilino pode ler-se:

«Sou estrangeiro, mas sinto a guerra como qualquer alma que esteja em espasmo, suspensa aos ruídos que cheguem dos campos de batalha, interessado, não pelo êxito deste ou daquele beligerante, mas dolorido sobre os infelizes que matam e morrem. Sinto-a e, ao mesmo tempo que tenho náuseas do mundo, toda se confrange em dor inútil e impotente a minha humanidade. Vou-me embora, vou fugir do adorado Paris, de tudo o que esta terra mimosa dava à farta ao gosto que tenho da vida. Vou para a aldeia, antípoda da capital excelsa, vegetar, dormir, esquecer, pondo apenas a cabeça de fora a saber se já terminou o horrendo ataque de epilepsia universal».

Um desenho de **Clementina Manta** ilustrou a primeira edição destas notas. Durante este seu período de Paris, nasce-lhe o primeiro filho, **Aníbal Aquilino**

Fritz Tiedmann Ribeiro, fruto do seu primeiro casamento com **Grete Tiedmann** – «A Grete, doce e propícia sombra do meu trabalho», tal como aparece na dedicatória a *Jardim das Tormentas* (1913), livro de contos em grande parte escrito na Biblioteca de Sainte-Geneviève e para o qual o escultor **Artur Anjos Teixeira** projetou a capa da primeira edição.

Nestes anos de Paris, entre os estudos de Letras na Sorbonne e a frequência de círculos de bolseiros e artistas plásticos, também resultaram diversas peças de crítica para a imprensa portuguesa. É o caso da crónica «**A Exposição Leal da Câmara. O artista e a sua arte**», redigida para a *Ilustração Portuguesa* e dedicada ao pintor e caricaturista seu amigo, sobre quem Aquilino mais tarde escreverá o estudo bibliográfico *Leal da Câmara* (1952). No artigo «**A Pintura “Futurista”**» deixa estas palavras sobre a novidade trazida a título, as quais são importantes para entender o modo como abordou o Modernismo:

«Acaba de aparecer em Paris uma coisa estupenda, inimaginável: a arte futurista (...) Para os futuristas, pintura e sensação são uma. O que eu pinto é o que eu sinto. O meu retrato é menos o meu rosto que a minha consciência escancarada. Além de ser o que eu sinto é o que o futurismo sente. A minha cabeça são duas cabeças, mas podem ser seis se a lei dinâmica o exige (...)».

Lisboa do Campo Grande

Mesmo nas obras mais marcadas pela autobiografia, a transposição entre a Literatura e a Geografia – tal como entre a Literatura e a História, por exemplo – é um exercício virtualmente impossível, baralhado a todo o instante pela imaginação e a subjetividade próprias do ato literário. Ainda assim, terá todo o interesse cartografar aqueles que foram os principais espaços percorridos ou habitados pelo escritor em Paris e em Lisboa, as duas cidades que – a par da Beira Alta natal de onde provém o eco rústico que atribui um sentido único à sua obra – moldaram o seu temperamento político e a sua aprendizagem de escritor.

Tal como nos ensina a **cartografia dos lugares lisboetas de Aquilino** propositadamente concebida

para esta exposição pelos geógrafos Aquilino Machado e Leandro Gabriel, durante os anos que decorreram entre os seus dois exílios em França a **família de Aquilino Ribeiro** itinerou por Lisboa até ter encontrado no arrabalde de Santo Amaro de Oeiras o lugar de residência mais estável deste período. Entre o Campo Grande das primeiras moradas e Santo Amaro, situavam-se o Liceu Camões, onde Aquilino ensinou, e a Biblioteca Nacional, que frequentara assiduamente desde que viera residir para Lisboa pela primeira vez, em 1906, a na qual ingressará agora como funcionário.

Uma outra cartografia, mais esquiva, mas não menos decisiva para a auscultação do eco dos espaços urbanos na própria obra, se sobrepõe a esta: a dos cafés e lugares de tertúlia literária e discussão política, das redações dos jornais e gazetas com as quais Aquilino colaborou, dos teatros e ateliês de artistas plásticos que frequentou, das ruas e praças onde se cruzou com amigos e confrontou adversários. Entre tudo isto, vejam-se os **manuscritos** de duas das principais criações deste período de estreia da sua carreira literária: *A Via Sinuosa* (1918), que constituiu o primeiro romance de Aquilino, e *Terras do Demo* (1919), o «mais genuíno e porventura denso dos seus primeiros livros», como escreveu Manuel Mendes.

No Liceu Camões

Regressado a Lisboa, Aquilino vai ser durante três anos professor provisório da Secção de Letras do Liceu Central de Camões, precisamente o período durante o qual escreveu *A Via Sinuosa* e *Terras do Demo* (1919). Através de exemplares do **Livro de Termos** e dos **Livros de Atas** dos professores do Liceu Camões, documentamos o exercício docente de Aquilino nesta escola como professor de História, Geografia e Francês. Na Biblioteca da Escola Secundária de Camões ainda hoje se guardam dois exemplares de *A Via Sinuosa* e do livro de novelas *Estrada de Santiago* (1922) que ostentam dedicatórias de Aquilino ao Reitor do Liceu. Num dos volumes do **Livro de alunos** destes anos, também encontramos o registo de **Jerónima Rosa Dantas Machado**, filha do presidente Bernardino Machado e que virá a ser a segunda mulher de Aquilino. **Uma carta do**

Reitor do Liceu Camões para Aquilino, datada de 17 de setembro de 1918, e uma **fotografia** de Jerónima Machado, tirada no mesmo ano em Paris, na circunstância do exílio de Bernardino Machado imposto pela ditadura de Sidónio Pais, selam esta evocação das afinidades que se cruzaram neste importante liceu lisboeta.

O «Grupo da Biblioteca»

Em 1919, Aquilino Ribeiro ingressa na então designada Biblioteca Nacional de Lisboa como segundo-bibliotecário a convite de Jaime Cortesão e Raul Proença – respetivamente, diretor e chefe dos serviços técnicos da Biblioteca. Em torno de Cortesão, de Proença e de Luís da Câmara Reis lançar-se-á pouco depois a *Seara Nova*, a revista de «doutrina e crítica» que emerge no difícil contexto da «nova República velha» pós-sidonista, ambicionando aproximar intelectuais de diferentes tendências políticas e lançar as bases de uma ampla reforma das mentalidades e das instituições republicanas. Aquilino integrou o grupo de «intelectuais políticos» que animaram desde a primeira hora a *Seara Nova*, para a qual escreveu páginas como «**Crónica deselegante da minha aldeia**» (5 de novembro de 1921), que aqui se expõe.

A abundante correspondência da época à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal documenta a proximidade de interesses e de percursos entre estes homens, de que é exemplo a carta que Aquilino remete a Raul Proença desde Pedrógão (Coimbrão), num momento marcado pela doença irreversível da sua mulher **Grete**. A célebre **fotografia do «Grupo da Seara Nova»** fora tirada em Pedrógão cerca de um ano antes, tendo Aquilino em torno de si – de pé – o pároco da localidade, Ilídio Teixeira de Vasconcelos, Raul Proença e Câmara Reis, e – sentados – Jaime Cortesão e Raul Brandão.

Entre os muitos resultados do fecundo consulado de Cortesão e Proença na Biblioteca Nacional ganhou especial destaque o *Guia de Portugal*. Aquilino contou-se entre os colaboradores desta iniciativa editorial dirigida por Raul Proença, conforme os exemplos selecionados dos dois primeiros volumes: a «**Introdução etnográfica**» colocada entre os capítulos iniciais do 1.º volume do *Guia* (1924) e o

texto sobre **Olhão** intercalado no volume consagrado à Estremadura, ao Alentejo e ao Algarve (1927). No primeiro caso, Aquilino recupera assim o que ele próprio escrevera em textos de outra índole a propósito da «sua» Beira:

«(...) A *Beira*, à exceção da orla litoral e do vértice sul, acusa até certo ponto as características de Trás-os-Montes. Como já ali, existe uma diferença sensível entre a população das serras e do vale. Esta é de maneiras brandas, mais humilde por um lado, mais impulsiva por outro, todavia aventureira e decidida “ao que deus quiser”; aquela resistente, dura, áspera, mais ativa e mais inteligente, posto que mais grosseira. “A aldeia serrana [da Beira] – escreve-se nas *Terras do Demo* – é assim mesmo: bulhenta, valerosa, suja, sensual, avara, honrada, com todos os sentimentos e instintos que constituíam o empedrado da comuna antiga. Ainda ali há Abraão, e os santos vêm à fala com os zagais nos silenciosos montes; ali roda o carro gótico nos mais velhos caminhos romanos; é pagã, e crê em sua religiosidade toda exterior adorar o seu Deus de S. Tomás; conta pelo calendário gregoriano estes terríveis dias de peste, fome e guerra, e está imersa nos nebulosos tempos do rei Vamba” (...).

Os romances de Santo Amaro de Oeiras

A par das funções que desempenhava da Biblioteca Nacional de Lisboa, Aquilino concretizará na sua residência em Santo Amaro de Oeiras um intenso trabalho de escritor. Pouco antes de aí se instalar com a família, visita a Alemanha (1920), fixando as imagens de um país destroçado pela guerra no «caderno dum viajante» que mais tarde publicará como *Alemanha Ensanguentada* (1934).

Durante estes anos, Aquilino fechará a série de obras iniciada com *Jardim das Tormentas* (1913) e prolongada até *Andam Faunos pelos Bosques* (1926), para as quais transpôs o «atavismo da rija e obsessa alma beiroa» – «Escrevi com o meu sangue», dirá ele próprio ao fazer o balanço desses anos.

Dispostas em torno de uma **fotografia colorida** de Aquilino Ribeiro de meados da década de 1920 pertencente ao arquivo da família, apresentam-se

manuscritos autógrafos, provas tipográficas e exemplares de algumas das principais obras deste período: a novela «**Os olhos deslumbrados**» e o livro de novelas *Filhas de Babilónia* (1920), a novela «**Valeroso Milagre**», publicada no suplemento literário da revista ABC (outubro de 1921), assim como o livro de contos *Estrada de Santiago* (1922). Completam esta evocação o manuscrito e as capas do romance infantil *O Romance da Raposa* (1924), ilustrado por Benjamin Rabier.

Lisboa, Urbanismo e Revolução

Cruzam-se na penúltima vitrina da exposição elementos que evocam a instabilidade política dos anos finais da I República com os manuscritos, as provas tipográficas e as primeiras edições dos romances *Andam Faunos pelos Bosques* (1926) – com capa de Abel Manta – e *O Homem que matou o Diabo* (1930). Este livro tivera uma primeira versão em castelhano. Aquilino dedicou a versão refundida à sua segunda mulher, com quem casara depois de se refugiar em França, na sequência da sua participação na frustrada revolta de fevereiro de 1927. Abriu assim essa dedicatória «À Gigi»:

«Se não fora a luz dos teus olhos, porventura o embrião deste livro – *El hombre que mató al diablo*, Madrid, 1924 – mirrasse no idioma em que viu a estampa. Sem essa luz, decerto, não haveria reatado a faina ingrata e vã de escrever para uma terra repartida em dois hemisférios hebéticos na quase totalidade, o dos lentes e o dos iletrados, e conforme com os destinos».

O manuscrito intitulado «**A modernização de Lisboa**» espelha o ponto de vista de Aquilino sobre os projetos do arquiteto paisagista francês Jean Claude Nicolas **Forestier** para o prolongamento da Avenida de Liberdade e a urbanização de Lisboa, de 1927. Em contrapartida, as fotografias publicadas na *Ilustração Portuguesa* testemunham as sequelas dos confrontos armados de 7 de fevereiro do mesmo ano entre S. Pedro de Alcântara e a Praça do Brasil (atual Largo do Rato), incluindo o Hotel Bristol a São Pedro de

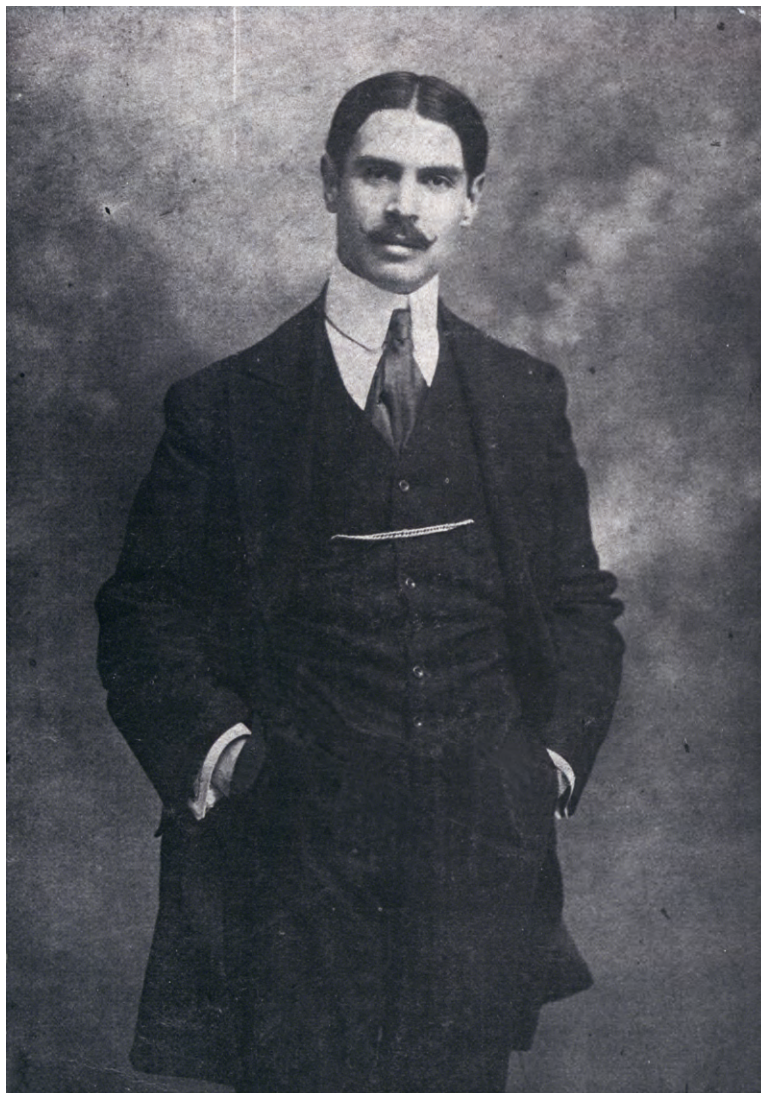
Alcântara, onde se instalara o Comité Revolucionário, essencialmente composto por «seareiros» – Jaime Cortesão, Raul Proença, José Rodrigues Miguéis, Manuel Mendes, Câmara Reys, David Ferreira, além do próprio Aquilino Ribeiro.

De novo, a França

O texto de uma carta escrita na aldeia de Soutosa (Moimenta da Beira) ao cronista militar e caricaturista **João de Menezes Ferreira** sobre os acontecimentos de 7 de fevereiro, uma fotografia da passagem da fronteira, diversa documentação consular e o **cartão de leitor** da *Bibliothèque nationale de France*, assinalam o percurso seguido por Aquilino para o seu segundo exílio francês. Já em França, vemo-lo fotografado junto do presidente deposto **Bernardino Machado**, e de diversos emigrados portugueses. Na última vitrina da exposição, este itinerário é completado com diversas fotografias individuais e de família, incluindo aquelas que registam o **casamento** de Aquilino Ribeiro com Jerónima Dantas Machado, em Paris, Jerónima e o filho de ambos, **Aquilino Ribeiro Machado**, e este último junto do seu avô **Bernardino Machado**, em Bayonne (1931).

De novo assinada por Aquilino Machado e Leandro Gabriel, fecha este périplo uma **cartografia dos «espaços aquilínianos» de Paris**, sintetizando numa única imagem a geografia dos lugares de residência, de sociabilidade e de lazer a partir das evidências recolhidas no epistolário e na obra literária e autobiográfica do escritor. Em carta para **Brito Camacho**, escrita a 16 de outubro de 1929, Aquilino descrevia assim o seu reencontro com a capital francesa:

«Cá estou outra vez em Paris, na mesma avenida, no mesmo hotel e quarto em que estive há um ano. Encontrei tudo na mesma e até, ao ver-me no espelho pregado na parede, me figurei inalterável, como tudo se passara ontem. Afinal um ano conta pouco na nossa existência breve, ou pelo menos temos disso uma santíssima ilusão (...).»



Aquilino Ribeiro em Paris, novembro de 1910.

[Fot. Basquet]; Fotografia pertencente à família de A. R. BNP B.12781V.

Comissariado da exposição

Aquilino Machado | Centro de Estudos Geográficos (CEG-IGOT, ULisboa)

Francisco Roque de Oliveira | Centro de Estudos Geográficos (CEG-IGOT, ULisboa)

Texto

Francisco Roque de Oliveira

Organização

Diogo Silva | Centro de Estudos Geográficos (CEG-IGOT, ULisboa)

Leandro Gabriel | Centro de Estudos Geográficos (CEG-IGOT, ULisboa)

Serafina Martins | Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL-ULisboa)



Praça de D. Pedro em 1925.
Foto: Manuel Tavares, Arquivo Municipal de Lisboa

Rua do Amparo (Lisboa), entre 1910 e 1920
Fotógrafo não identificado, Arquivo Municipal de Lisboa